

Reescrita do mundo e de si: uma análise de *Comment peut-on être français ?* de Chahdortt Djavann

Rewriting the World and Oneself: An Analysis of *Comment peut-on être français ?* by Chahdortt Djavann

Ana Carolina dos Santos Lebre

RESUMO: O final do século XX assistiu ao fortalecimento de temas como a *subjetividade* e o *multiculturalismo* na estética e na crítica literárias. Na contramão desse processo, o movimento por uma *literatura-mundo* procurou reatualizar conceitos globalizantes na escrita e se opor a uma concepção estanque de identidade, tendo como principais expoentes escritores e escritoras de expressão francesa. Partindo desse contexto, o presente artigo se propõe a analisar o romance *Comment peut-on être français ?* (2006) da autora de origem iraniana Chahdortt Djavann, situando-o na defesa dessa *literatura-mundo*, mas também relacionando-o aos novos embates sobre a subjetividade e a *escrita de si* (Klinger, 2006) que emergem no século XXI. Conectando *literatura-mundo* e elementos biográficos, o texto elabora, por fim, questionamentos e possíveis respostas sobre a identidade e a disjunção entre autor, narrador e personagem na escrita de *Comment peut-on être français ?*, abordando o *subjetivo* e o *universal* como espaços de indefinição, ausência e contato no romance (Alvares, 2007).

Palavras-chave: Literatura-mundo. Chahdortt Djavann. Autoficção. Escritas de si. Migrações linguístico-literárias.

ABSTRACT: The end of the 20th century witnessed the strengthening of themes such as subjectivity and multiculturalism in aesthetics and literary criticism. In contrast to this process, the *littérature-monde* movement sought to renew globalizing concepts in writing and challenge rigid notions of identity, with its main proponents being writers who use the French language. Based on this context, this article aims to analyze the novel *Comment peut-on être français ?* (2006) by the Iranian-born author Chahdortt Djavann, situating it within the defense of *littérature-monde*, but also relating it to the new debates on subjectivity and self-writing (Klinger, 2006) that emerge in the 21st century. By connecting *littérature-monde* and biographical elements, the text ultimately raises questions and possible answers about identity and the disjunction between author, narrator, and character in the writing of *Comment peut-on être français ?*, presenting subjective and universal as spaces of indefiniteness, absence, and contact in the novel (Alvares, 2007).

Keywords: World Literature. Chahdortt Djavann. Autofiction. Self-writing. Linguistic-Literary Migrations.

Revolução copernicana: o retorno do *mundo* na literatura

Ma patrie est mon écriture et elle est en français. Ma terre est ma romance, mon histoire. (Chahdortt Djavann)

Em *Literatura engajada* (2023), Leyla Perrone-Moisés destaca dois movimentos opostos na construção da literatura contemporânea. Em primeiro lugar, evoca a presença de conceitos tais como o “de lugar de fala”¹ ou ainda de “identidade” na retomada de uma

¹ Originado nos estudos feministas e posteriormente difundido em diferentes campos, o conceito de “lugar de fala” destaca a necessidade de se reconhecer e validar as experiências individuais no discurso público e acadêmico, valorizando a autodefinição como elemento primordial à “descolonização do pensamento”. Para mais informações, vide: (Djamila, 2017).

literatura militante, cujo objetivo principal é o de denunciar situações políticas e sociais injustas, reivindicando a presença de vozes, antes marginalizadas, no cânone literário.

Apesar de socialmente importante, este movimento deteria uma contradição contundente quando aplicado à literatura, já que definiria “identidade” por vezes de forma intransigente, excluindo contatos culturais e ambiguidades no trabalho com a linguagem.

No ensino da literatura, obras famosas do cânone ocidental têm sido censuradas, em nome de valores ideológicos que regem determinadas posições políticas particulares fundamentadas em raça ou em gênero. Essa atitude é coerente, da parte de grupos que lutam contra as injustiças que sofreram ou sofrem. Entretanto, ao atribuir aos escritores dessas obras determinada ideologia contrária a suas reivindicações, esses críticos desconsideram os contextos históricos e, principalmente, o significado plural, suspenso e ambíguo da obra literária (Moisés, 2023, p. 387).

Na contramão desta tendência, haveria também na literatura contemporânea uma espécie de retomada da valorização da forma, que relativizaria as fronteiras estabelecidas pelas “teses identitárias”, propondo, por fim, uma nova maneira de se pensar a “comunidade do mundo”. Moisés destaca as reflexões do filósofo camaronense Achille Mbembe (2023) sobre a possibilidade de se abordar a diversidade por meio do “em-comum”, de modo a reforçar que a literatura pode circular entre culturas diversas, sem necessariamente recair em homogeneizações ou apagamentos historicamente repressivos (Moisés, 2023, p. 377).

Esse movimento pela revalorização de percepções mais abrangentes na construção literária é perceptível no aparecimento, a partir dos anos 90, de conceitos que pretendem abarcar literaturas que não se restringem às barreiras frágeis da identidade cultural, territorial ou linguística. Na Alemanha contemporânea, por exemplo, Araújo e Bresolin (2019) destacam que a noção de “literatura mundial” (*Weltliteratur*²) tem sido reatualizada, sobretudo, por escritores migrantes que mobilizam o alemão como língua de escrita e não se reconhecem nos cânones “do ideário nacional” germânico (2019, p. 102-104).

Para além da atualização da “literatura mundial” emergiram neste contexto conceitos como o de “literatura sem morada fixa” ou ainda o de “literaturas do mundo”

² Cunhado por Goethe ainda em 1827, o termo *Weltliteratur* se referiria justamente a uma busca pelo internacionalismo na literatura. “O discurso da *Weltliteratur* pode ser entendido, em outras palavras, como um conceito de luta contra uma visão historicamente emergida da literatura que queria nacionalizar ou territorializar a um nível nacional” (Araújo; Bresolin, 2019, p.108).

no intuito de romper com a bagagem ocidental implícita na *Weltliteratur* e “dar conta de uma concepção não-europeia e não dicotômica de literatura mundial” (ibid, p. 108).

Pensando no contexto francófono que nos interessa mais de perto, Lígia Ferreira Fonseca (2012) apresenta a noção de “migrações linguístico-literárias” para se referir às obras escritas em francês por autores estrangeiros não francófonos. A exemplo do grego *Vassilis Alexakis* ou ainda do escritor japonês *Akira Mizubayashi*, muitos desses autores ganharam notoriedade na crítica e nos prêmios literários da França a partir dos anos 90.

O interesse de críticos e especialistas dentro e fora da França começa a voltar seus olhos para a produção crescente dos autores estrangeiros que optam pela língua francesa como língua de criação em determinado momento de suas carreiras, quando não acontece de se lançarem como escritores escrevendo diretamente em francês (Ferreira, 2012, p. 243).

A tendência se acentuaria no século XXI, quando, em março de 2007, mais de 40 autores de expressão francesa, dentre eles Tahar Ben Jelloun (Marrocos), Maryse Condé (Guadalupe), Alain Mabanckou (República do Congo), se reuniram na publicação de um manifesto em defesa da construção de uma “littérature-monde” em francês³. Para eles, a predominância de uma concepção nacionalizante na estética literária na França teria prejudicado as produções de expressão francesa de modo geral, distanciando-as do mundo.

Le monde revient. Et c'est la meilleure des nouvelles. N'aura-t-il pas été longtemps le grand absent de la littérature française ? Le monde, le sujet, le sens, l'histoire, le "réfèrent" : pendant des décennies, ils auront été mis "entre parenthèses" par les maîtres-penseurs. [...] Plutôt que de se frotter au monde pour en capter le souffle, les énergies vitales, le roman, en somme, n'avait plus qu'à se regarder écrire (Le bris ; Rouaud, orgs, 2007, p. 1).

O grande propósito era o de produzir uma verdadeira "revolução copernicana" na literatura, ou seja, questionar a existência de um centro dominante, a França, no intuito de abandonar a concepção isolacionista e ocidentalizante subjacente ao conceito de "francofonia" (ibid, p. 1). Mabanckou, por exemplo, defende a “littérature-monde” em francês, reforçando que ninguém fala “francófono” e que, na verdade, uma língua em

³ Muriel Barbery, Alain Borer, Roland Brival, Didier Daeninckx, Ananda Devi, Alain Dugrand, Edouard Glissant, Jacques Godbout, Nancy Huston, Koffi Kwahulé, Dany Laferrière, Gilles Lapouge, Jean-Marie Laclavetine, Michel Layaz, Michel Le Bris, JMG Le Clézio, Yvon Le Men, Amin Maalouf, Anna Moï, Wajdi Mouawad, Nimrod, Wilfried N'Sondé, Esther Orner, Erik Orsenna, Benoît Peeters, Patrick Rambaud, Gisèle Pineau, Jean-Claude Pirotte, Grégoire Polet, Patrick Raynal, Jean-Luc V. Raharimanana, Jean Rouaud, Boualem Sansal, Dai Sitje, Brina Svit, Lyonel Trouillot, Anne Vallaëys, Jean Vautrin, André Velter, Gary Victor, Abdourahman A. Waberi. A publicação original do manifesto poder ser lida em: [Pour une "littérature-monde" en français \(lemonde.fr\)](https://www.lemonde.fr). Acesso em: 05 de novembro de 2023.

comum poderia ser o meio pelo qual a diversidade pudesse ser explorada sem a formação de guetos. Para ele, o mundo seria justamente o local sem a existência de muros: « Jamais il ne sera question d’abandonner son être et de le vendre aux enchères publiques » [...] « Au fond, et on le sait déjà, *l’universalité* c’est le local moins les murs » (Mabanckou, 2007, in Le Bris; Rouaud, grifo nosso, p. 60).

É neste contexto literário, em que autores de expressão francesa, ou ainda de outras línguas, reivindicam a possibilidade de ultrapassar definições estanques e encontrar novamente o ‘*mundo*’, que se insere a literatura de Chahdortt Djavann. Apesar de não ter assinado o manifesto de 2007, a escritora de origem iraniana participou da elaboração do livro coletivo *Pour une littérature-monde* (Le Bris; Rouaud orgs., 2007) que se propunha a ser um desenvolvimento das reivindicações do manifesto inicial. Nele, Djavann publicou trechos do romance *Comment peut-on être français ?* (2006) em um artigo intitulado *De l’apprentissage du français à l’écriture* (2007). Seu objetivo era, justamente, o de explicitar o quanto escrever em francês tinha se tornado sua forma de criar relações com o mundo, mas também de reescrever sua subjetividade por meio da ficção. « Cette langue a accueilli, pendant des années, mon histoire, mon enfance, mes souvenirs et mes blessures. J’ai su souffrir, rire, pleurer, fantasmer, espérer, délirer, aimer en français » (Djavann, 2007, in Le Bris; Rouaud, p. 303).

Em *Comment peut-on être français ?* (2006) acompanhamos o encantamento e as desilusões de Roxane, uma jovem iraniana recém-chegada na Paris do início do século XXI. As dificuldades frente ao aprendizado do francês, bem como a sua relação ambígua com o passado no Irã, impulsionam-na a enviar cartas ao iluminista e escritor de *Lettres Persanes* (1721), Charles de Montesquieu.

É justamente por meio das cartas de Roxane, que Djavann complexifica a subjetividade de personagem, demonstrando o quanto o encontro com a alteridade, um filósofo europeu do século XVIII, pode sim renovar a literatura contemporânea e apresentar outro *mundo*, outra “comunidade para além da identidade” (Moisés, 2023, p. 377).

Comment un écrivain français du XVIII^e siècle, sans avoir jamais voyagé en Iran, a-t-il pu se glisser dans la peau des Persans et surtout des Persanes enfermées dans un harem ? [...] Qui saurait mieux l’écouter, mieux la comprendre que Montesquieu ? Ne l’avait-il pas inventée, avant même sa venue au monde ? Peut-être même qu’elle n’aurait jamais existé réellement aujourd’hui si Montesquieu ne l’avait pas imaginée (Djavann, 2006, p. 128-129).

Existir em língua francesa: *Comment peut-on être français ?* e a escrita de Djavann

La seule chose dont je suis sûre c'est que l'exil est mon essence et l'écriture ma naissance. (Chahdortt Djavann)

Nascida em 1967 no Irã, Chahdortt Djavann cresceu em meio aos livros e às discussões políticas em Teerã. Seu pai, membro de uma família aristocrata do Azerbaijão iraniano, sempre a estimulou a ler e a analisar o mundo criticamente:

C'était un homme très cultivé, qui avait une culture politique très grande et quand j'avais neuf ans il m'appelait tous les après-midis pour que je lui fasse la lecture des journaux, des articles sur la politique nationale, internationale [...] (Djavann, 2021).

Com esta bagagem, aos 13 anos, Djavann já se revoltava com a instauração do regime aiatolá de Khomeini no Irã. Após 1979, a perda das liberdades civis bem como a obrigatoriedade do uso do véu a fizeram considerar o exílio. No entanto, foi apenas em 1991, com a falta de perspectiva de mudança, que ela abandonou os estudos de medicina no país e decidiu se exilar definitivamente em Paris, em 1993: « J'ai décidé de quitter l'Iran quand, après la mort de Khomeini, Roland Dumas, Ministre des Affaires Étrangères de Mitterrand, est venu négocier des contrats à Téhéran. Là j'ai su que le régime allait durer » (ibid)⁴.

Na França, em meio às barreiras linguísticas e financeiras, ela obteve um diploma em antropologia pela École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS) em 1995, mas interrompeu sua carreira acadêmica para se dedicar à escrita literária. Em 2002, publicou seu primeiro romance, *Je viens d'ailleurs*, completamente escrito em francês, assim como todos os seus ensaios e obras literárias.

Foi com a publicação de *Bas le voiles !* em 2003, porém, que ela fez sua “entrée” definitiva na cena literária em língua francesa. Como estudo histórico-cultural do véu nos países de origem muçulmana, o texto é, na verdade, uma crítica contundente àqueles e àquelas que procuravam defendê-lo e um manifesto claro contra o seu uso por menores

⁴ Segundo Djavann, a visita do ministro Roland Dumas a Teerã, em maio de 1991, teria simbolizado o aval do Ocidente ao regime repressivo dos *mullahs*, líderes religiosos islâmicos que assumiram o poder no Irã após 1979. Durante sua estadia no país, o ministro teria facilitado o estabelecimento de diversos acordos comerciais entre o banco central iraniano e multinacionais francesas, como a Alstom e a Spie Batignolles, priorizando os interesses econômicos do capital francês ao invés de denunciar as constantes quebras de direitos civis e políticos no país. Nesse sentido, para a autora, a França teria contribuído indiretamente com a manutenção do regime dos *mullahs*, ao legitimar sua administração no cenário internacional e fornecer recursos econômicos que ajudaram a sustentar o sistema repressivo. Para mais informações sobre a ida de Roland Dumas à capital iraniana, vide: Michel de Grandi (1991) disponível em: <https://www.lesechos.fr/1991/05/forte-reprise-des-grands-contrats-avec-iran-au-1er-trimestre-946133>. Acesso em 03 de outubro de 2024.

de idade. Ele emerge em um contexto no qual o debate público sobre o tema invade os noticiários e discursos políticos na França⁵. Cristina Alvares resume a forma como Djavann procura reabilitar o movimento feminista e a luta pelos direitos humanos universais, criticando o discurso identitário que se ampararia da luta pela diversidade religiosa para reiterar desigualdades: “O discurso político de Djavann inscreve o direito das mulheres no ideal das Luzes e reabilita os valores iluministas essenciais – o racionalismo, a universalidade dos direitos, a laicidade e a modernidade – contra o ‘retorno do religioso’ (2009, p. 180).

De fato, vemos em *Bas les Voiles !* um movimento que reaparece em outros textos de Djavann na forma de ficção ou *espaço biográfico* (como veremos adiante), ou seja, uma crítica clara a uma “identidade genérica, cultural e religiosa” (ibid, p. 179) que, sob o pretexto de valorizar a diferença no interior do feminismo, defende mecanismos que ela considera opressivos, como o uso do véu.

Ce n'est pas au nom de la laïcité qu'il faut interdire le port du voile aux mineures, à l'école ou ailleurs, c'est au nom des droits de l'homme, et au nom de la protection des mineures. Pour le reste, que nous chante-t-on ? Que nous chantent-elles, les égéries de Mahomet « libérées » par le voile ? De quoi sont-elles libérées au juste ? Elles affirment leur identité, disent-elles. Quelle identité ? Quelques midinettes parlent comme si elles avaient eu le génie d'inventer le voile ou d'en identifier les vertus. Elles les revendiquent comme un nouveau symbole après avoir fait un tour sur les bancs de la fac, comme si le voile était une invention du XXI^e siècle (djavann, 2003, p. 34-35).

Em *Comment peut-on être français ?*, publicado em 2006, as indagações da personagem principal, Roxane, sobre sua identidade no exílio começam logo no título do romance. Nele, o intertexto com o personagem Rica de *Lettres Persanes*, é claro. Na obra de Montesquieu, o persa recém-chegado à Paris se depara com o interesse superficial pelo “exótico” que tomava conta da sociedade francesa do século XVIII, observando com espanto o que sempre ouvia ao relatar sua origem: « Si quelqu'un, par hasard, apprenait à la compagnie que j'étais Persan, j'entendais aussitôt autour de moi un bourdonnement:

⁵ O sociólogo Jérémy Robine (2010) destaca que, na primeira década dos anos 2000, o agora extinto ministério de l'Immigration Nationale et de l'Identité nationale se apoiou no tema, mobilizando concepções conservadoras que viam na crescente imigração árabe uma ameaça à ideia de nação francesa. Desde então, a polêmica nunca deixou de figurar na cena política do país. Em 2023, por exemplo, o conflito teve um novo episódio com a publicação de uma circular que regulamentou a interdição do abaya, vestido longo de origem oriental e correntemente utilizado por mulheres muçulmanas, nas escolas francesas. Para mais informações, vide: <https://www.ouest-france.fr/education/ecole/interdiction-de-labaya-que-dit-la-circulaire-sur-le-port-de-signes-religieux-dans-les-ecoles-8234de02-4583-11ee-b1e4-bd520a28f26a>. Acesso em: 02 de novembro de 2023.

‘Ah ! ah ! Monsieur est Persan ? C’est une chose bien extraordinaire. Comment peut-on être Persan’ ?» (Montesquieu 1964 [1721], p. 66, tradução nossa). No texto de Djavann, a questão se inverte e agora é a personagem em exílio que se pergunta sobre o que torna alguém francês.

A narrativa pode ser dividida em duas partes. Na primeira, vemos um narrador heterodiegético que intercala os conflitos de Roxane em Paris com episódios do seu passado no Irã. Já na segunda, a própria personagem começa a interferir na narração por meio das cartas que escreve a Montesquieu.

De modo geral, os episódios giram em torno do projeto de Roxane de se tornar francesa por meio do aprendizado do francês e, por fim, do seu desencantamento quando o plano se revela insuficiente. « Eh oui, on n’échappe pas de sa nationalité, à l’histoire de son pays, encore moins à ses épisodes calamiteux » (Djavann, 2006, p. 63).

Ela não entende o que poderia separá-la das francesas e quando desembarca em Paris acredita que a língua poderá de fato apagar o seu passado no Irã. « C’est dans la langue que tout s’enracine, se disait-elle. Si les Français ne parlaient pas français, ils ne seraient pas des Français. Sa patrie à elle serait la langue » (ibid, p. 62). Quando as dificuldades com o idioma e a solidão concreta que vive na capital fazem com que ela perceba que o persa e sua vida no Irã estarão sempre lá, Roxane questiona ainda mais sua identidade subjetiva e os confrontos com sua bagagem cultural e linguística.

La première personne « je », fut la Roxane persanophone, la deuxième personne « tu », fut la Roxane apprentie francophone et il y eut aussi la troisième Roxane, la Roxane arbitre, celle qui reprochait sans cesse à la Roxane persanophone son inaptitude à être Roxane francophone. La Roxane arbitre devient « madame l’agent de la langue », la proposée à l’insécurité linguistique ; il était impossible d’échapper à sa vigilance sourcilleuse. (ibid, p. 51-52)

Da impossibilidade de se tornar francesa, bem como do seu desacordo com o regime dos mulás e dos caminhos da sociedade iraniana, nascerá em Roxane o que Cristina Alvares chama de “lei além da tradição” (2011, p. 7). Justamente por não se resumir à identidade cultural que lhe foi imposta, ao mesmo tempo em que não consegue simplesmente se desprender dela, a personagem cria para si uma abertura, um espaço no qual consegue encontrar uma subjetividade própria por meio da escrita das cartas e dos episódios de depressão profunda. « La dépression est la configuration de cette marge de non-appartenance, du creux dessiné par l’intersection des deux cultures,

espace vide où le sujet exilé n'existe que de l'écriture des lettres, son être n'ayant d'autre substance que celle-là » (ibid, p. 13).

Na penúltima carta que escreve a Montesquieu, Roxane confessa o quanto seu passado a tem assombrado. « Depuis que je suis à Paris, ma famille, mes souvenirs se présentent souvent à mon esprit, une inquiétude m'envahit et me fait retrouver ce que depuis toujours j'ai tenté de fuir » (Djavann, 2006, p. 244). A partir daí, o narrador heterodiegético volta tomar conta da narrativa e descobrimos o episódio de abuso e violência que Roxane viveu em Isfahan.

Certaines filles, après avoir été violées par les gardiens de l'islam, avaient été accusées d'être des prostituées, et pour étouffer l'affaire on les avait lapidées ou assassinées. Tout le monde le sait en Iran. Et tout le monde fait semblant de l'ignorer. Roxane resta à Téhéran. Aucune solution ne pouvait se trouver dans une petite ville comme Bandar Abbas. Pendant une semaine, elle alla sur l'autoroute de Park Way qui traverse Téhéran du sud au nord. Elle regardait pendant des heures déferler les voitures et les camions, puis elle rentrait chez elle. Elle ne savait si elle était dans la réalité ou dans un cauchemar, mais son corps sans cesse lui rappelait la réalité (ibid, p.187).

Como a personagem não consegue elaborar o trauma em primeira pessoa, Djavann opta por apresentá-lo ao leitor por meio da voz do narrador externo. É ele quem relata sua captura pelo comitê dos costumes, bem como os sentimentos decorrentes da violência: a gravidez indesejada e a necessidade do exílio. Na passagem, a prisão de Roxane na França, por conta de um incidente de bicicleta, faz com que ela se lembre do episódio no Irã e transfira sua voz narrativa para o narrador em terceira pessoa.

Plusieurs policiers entrèrent dans la cellule et essayèrent de retenir les mains de Roxane pour les menotter. Elle se débattait contre le mur, contre le sol, contre l'odeur. Ils l'allongèrent par terre. Elle se débattait, hurlait, délirait en persan. Un serpent se tordait en elle. Elle n'était plus en France. Elle n'était plus à Paris. La terre s'était retournée. Elle était à Ispahan (ibid, p. 175).

Este deslocamento do subjetivo para o estrangeiro também acontece no plano linguístico, já que toda a experiência de Roxane é descrita em uma língua que, à princípio, não era sua. A mobilização do francês como elaboração de si, embora não consiga despi-la de toda angústia vivida no Irã e na França, consegue fazer com que ela se veja de outra forma.

Após uma tentativa fracassada de suicídio, Roxane retoma a escrita como meio de canalizar sua angústia e escreve novamente a Montesquieu, sabendo ser, na verdade, a

própria destinatária da sua escrita. « L'idée du suicide me hante plus que jamais, alors même qu'une légèreté joyeuse et ironique enrobe mon désespoir » (ibid, p. 282).

Mesmo diante do sofrimento, o romance termina com a imagem de Roxane já fora do hospital psiquiátrico. Da janela da sua “chambre de bonne”, ela enxerga o céu claro de Paris que, como uma promessa, demonstra que sua identidade não deve se restringir ao seu país de origem ou ao que viveu até então: “A janela promete ‘la légèreté de vie’ que Roxane tanto admirava nos franceses, logo no início da sua estada [...] Roxane pode respirar e aspirar de novo a vida em liberdade em Paris” (Alvares, 2009, p. 192).

O fato de Djavann escolher o francês como meio de fazer existir sua literatura evoca ainda a forma como ela própria enxergou nessa língua estrangeira sua maneira de ultrapassar as fronteiras do Irã e reconstruir sua identidade subjetiva. « Puisque la langue française était mon exil, je me suis juré qu'un jour elle serait ma patrie » (Djavann, in Le Bris & Rouaud, tradução nossa, p. 302). As conexões entre ela e Roxane nos levam ainda a pensar na forma como ficção e real se mesclam na sua escrita, sobretudo em meio a uma *literatura-mundo* que questiona o isolamento humano em identidades rígidas.

Philippe Lejeune (1996) tentou sistematizar esses pontos de contato em suas reflexões sobre a autobiografia e o *romance autobiográfico*. No século XXI, no qual as reflexões sobre identidade se reincorporam à crítica literária, analisar a forma como Chahdortt Djavann se vale do autobiográfico e da subjetividade na construção de *Comment peut-on être français?* parece essencial à compreensão do romance no cenário da *literatura-mundo*, em especial em sua crítica à restrição identitária.

Espaço biográfico e subjetividade em Chahdortt Djavann

Je ne crois pas à l'autobiographie. Nul ne se voit comme il voit les autres et comme les autres le voient. (Chahdortt Djavann)

Se tomarmos apenas o projeto editorial de *Comment peut-on être français?*, a apresentação do livro não evoca nenhuma ambiguidade quanto ao seu caráter ficcional. O texto é apresentado como um romance desde a capa, o que leva o leitor a estabelecer com Djavann o que Philippe Lejeune (1996) classifica como *pacto romanesco*. Sendo assim, o que se espera deste texto é que ele, desde o início, estabeleça uma disjunção entre a identidade do autor, do narrador e da personagem principal, e que o leitor não procure nele elementos de referencialidade ao real.

Symétriquement au pacte autobiographique, on pourrait poser le *pacte romanesque*, qui aurait lui-même deux aspects : pratique patente de la non-identité (l'auteur et le personnage ne portent pas le même nom), attestation de fictivité (c'est en général le sous-titre roman qui remplit aujourd'hui cette fonction sur la couverture, à noter que *roman*, dans la terminologie actuelle, implique pacte romanesque (Lejeune, 1996, p. 27).

Este atestado de ficcionalidade é, inclusive, confirmado por Chahdortt Djavann em entrevista a pesquisadora norte-americana Kirsten Halling. Questionada sobre as semelhanças entre ela e Roxane Khân, a escritora reforça que a personagem é fruto de sua imaginação, sendo tão real quanto qualquer ficção poderia ser.

Je suis différente d'elle comme une fiction est différente de la réalité. Roxane existe dans le roman, moi dans la vie réelle. Par exemple je n'ai jamais envoyé des lettres à Montesquieu comme Roxane ; je l'ai fait en écrivant ce roman et en attribuant cette idée à mon personnage Roxane. Je partage sa vision du monde, ses difficultés d'apprentissage de la langue, encore que dans la réalité, c'était beaucoup plus long, douloureux (Djavann, 2008).

No entanto, apesar de reforçar essa ruptura entre a literatura e o real, fato é que as interfaces entre o que Chahdortt Djavann viveu no exílio e as experiências e angústias da personagem fazem também com o leitor atento comece a se questionar sobre uma possível presença de componentes biográficos no romance. Inclusive, a recorrência de personagens principais femininas, de origem iraniana, e que buscam na França e no francês a reconstrução de uma identidade fragmentada, são motes comuns em outros textos de Djavann, como em *Je ne suis pas celle que je suis* (2011) e a sua continuação em *Dernière séance* (2013), reforçando essa possível imbricação entre ficção e escrita de si em sua literatura.

Mesmo que a leitura isolada de *Comment peut-on être français ?* faça com o que o leitor distinga Chahdortt Djavann tanto de sua personagem como do narrador heterodiegético que predomina no romance, a comparação do texto com outros livros ou falas da escritora apontam para uma ambiguidade que, em uma primeira leitura, parece não ter lugar. As próprias contradições evocadas por Djavann sinalizam a hipótese de que ela mesma provoca esta dualidade fluida entre imaginário e real.

Em *Je viens d'ailleurs* (2002), único romance explicitamente autobiográfico em sua escrita, encontramos frases, elementos narrativos ou mesmo trechos inteiros que serão reescritos em *Comment peut-on être français ?* Assim como Roxane, por exemplo, Chahdortt Djavann também gaguejava quando criança, o que provocará um sofrimento

latente em sua relação com a linguagem e com o aprendizado do francês de modo geral. « Je m'étais mise à begayer. Je bégayais parfois dans mon enfance » (Djavann sobre si mesma, 2002, p. 57). « La vérité c'était que la réalité l'avait rendue bègue » (2006, narrador sobre Roxane em *Comment peut-on être français ?*, p. 71).

Procurando entrever a multiplicidade de pactos e a ambivalência presente em textos que não se restringem à identidade autobiográfica ou ficcional, Philippe Gasparini desenvolve a reflexão de Lejeune, aprofundando a análise dos *romances autobiográficos*. Como gênero que prescreve leituras contraditórias, ele se caracterizaria pela produção de uma dupla possibilidade de leitura e pela associação entre ficção e pontos de contato, mesmo que fluidos, entre narrador e autor. « On observera d'abord comment l'identité du héros-narrateur (nom, âge, profession, signes particuliers) peut renvoyer à celle de l'auteur » (2004, p. 14).

Embora classificar o texto de Djavann em uma das múltiplas definições teóricas que envolvem as relações entre escrita de si e ficção desde as publicações de Lejeune ultrapasse o objetivo deste artigo⁶, é importante destacar o quanto as reflexões sobre o *romance autobiográfico* podem elucidar a escrita de Djavann, sobretudo se o associamos à proposta de *espaço biográfico* apresentada por Leonor Arfuch (2010).

Partindo do pressuposto de que o sujeito voltou ao centro da literatura contemporânea, após o apagamento do autor pelo estruturalismo dos anos 60, Arfuch inclui não só textos literários, mas também produções midiáticas, como entrevistas e participações dos autores em programas de televisão e rádio, na elaboração de um espaço amplo de subjetividade na literatura, o *espaço biográfico*.

[...] Se a literatura constitui um vasto laboratório de identidade, é pela variação constante, a transmutação, o forçamento dos limites, a perda, a dissolução. O romance é território privilegiado para a experimentação, mesmo a mais perturbadora, na medida em que pode operar no marco de múltiplos contratos de veracidade, enquanto a margem se estreita no espaço biográfico entre relato *factual* e *ficcional*, para além da declaração do autor e dos signos paratextuais: uma vida atestada com o "real" está submetida a uma maior restrição narrativa [...]. (Arfuch, 2010, grifo da autora, p. 127).

Extrapolar o pacto proposto pelos elementos paratextuais de *Comment peut-on être français ?* e considerar os aspectos evocados por Djavann em entrevistas e em outros

⁶ Anna Faedrich (2016) sintetiza os principais debates teóricos que envolvem conceitos como "romance autobiográfico" e "autoficção" desde os anos 70 até a o século XXI, destacando a instabilidade presente em suas definições. Para mais informações, vide: (Faedrich, 2016). Disponível em: <https://revistas.usp.br/criacaoecritica/article/view/120842>. Acesso em: maio de 2024.

romances, é justamente o que possibilita a leitura da trajetória de Roxane Khân também como a escrita da autora sobre si. Na primeira parte do artigo, procuramos entrever a inserção de Djavann no movimento geral pelo retorno do *mundo* na literatura e pelo questionamento das pautas identitárias na estética literária. Além de Arfuch, Diana Klinger também associa o interesse contemporâneo pelos relatos pessoais à fragmentação atual da noção de sujeito e a possibilidade plural da autocriação (2007, p. 48), o que parece também ecoar em *Comment peut-on être français ?*.

De certo modo, mesmo que procure enquadrar a subjetividade de Roxane na ressignificação do debate pelos direitos universais e por uma nova percepção de *mundo*, dialogando com Montesquieu e a razão iluminista, Djavann também incorpora elementos dessa subjetividade em transformação no século XXI. Associando traumas pessoais e literatura, é possível entrever em *Comment peut-on être français ?* elementos de uma *autoficção* que não concebe mais o autor como entidade, mas sim como construção performática interna e externa ao texto.

[...] O texto autoficcional implica uma *dramatização de si*, que supõe, da mesma maneira que ocorre no palco teatral, um sujeito duplo, ao mesmo tempo real e fictício, *pessoa* (ator) e *personagem*. Então não se trata de pensar, como o faz Philippe Lejeune, em termos de uma “coincidência” entre “pessoa real” e *personagem* textual, mas a *dramatização* supõe a construção simultânea de ambos, autor e narrador. Quer dizer, trata-se de considerar a *autoficção* como uma forma de performance (ibid, p. 58).

No texto, o debate sobre a identidade linguística, cultural e religiosa em meio ao exílio se conecta à defesa dos direitos humanos como proposta *universal*⁷. Sendo assim, Djavann enlaça em *Comment peut-on être français ?* a literatura-mundo a uma escrita de si ambígua e complexa. Roxane defende a existência de uma subjetividade que possa ultrapassar seus traumas por meio da valorização do que acredita se estender a todos os seres humanos.

Du jour où je suis arrivée à Paris, j’ai su, non d’où je venais (je n’avais pas besoin de la France pour comprendre l’horreur d’un régime où j’ai grandi et qu’elle a naguère aidé à faire naître en abritant son principal instigateur), mais d’où j’aurais pu ne pas avoir à partir si la démocratie était un tant soit peu présente sur la terre entière. (Djavann, 2006, p. 97).

⁷ O conceito de *universal* é aqui apresentado como a ausência dos conteúdos de cultura, ou seja, como um espaço de indefinição e falta no qual toda a humanidade se insere, independentemente de sua singularidade (Alvares, 2007): “L’universel dont il s’agit n’est pas l’ensemble des formes et des contenus d’une culture quelconque mais l’universel négatif” (ibid, p. 8)

Embora o trecho se refira a uma fala da personagem e não da autora, é possível, por meio do *espaço biográfico* de Djavann, entrever nesta passagem a própria visão que ela tem da democracia e da reinclusão do mundo na literatura. O pacto referencial não é claro e, na verdade, é muitas vezes recusado, seja quando ela própria destaca as diferenças entre sua vida e a de Roxane, ou ainda quando afirma desacreditar na autobiografia. De todo modo, a reconstrução do subjetivo da personagem se relaciona a questionamentos confessados por Djavann, o que sugere que a leitura de *Comment peut-on être français ?* pelo recorte do *pacto romanesco* não é suficiente. Afinal, como ela mesmo afirma, « [...] La littérature, la fiction, n'est rien d'autre qu'une revanche imaginaire sur la réalité » (Djavann, 2021, p. 146).

Nesse sentido, é possível vislumbrar, na própria escrita do romance, uma identidade plural entre real e imaginário que se conecta à forma como Djavann percebe a escrita literária. Defendendo a *literatura-mundo*, ela evidencia os limites da identidade nacional e de gênero, relativizando as semelhanças entre ela e Roxane e aproximando a personagem de Charles de Montesquieu, seu professor e único ouvinte no isolamento parisiense. A ponte inusitada, bem como a vontade da personagem de se refazer por meio da língua do outro, são convites a uma forma de subjetividade literária que ultrapassa o relato individual e que vislumbra a identidade como o diálogo com o externo.

De certo modo, Chahdortt Djavann não se coloca explicitamente no livro justamente para não o fixar no espaço da literatura de memórias ou de exílio. Afinal, ela escreve em francês para se relacionar com esse outro e para que o mundo leia sua personagem iraniana de forma plural e aberta. No entanto, ao mesmo tempo em que dialoga com a concepção de *universal* presente no Iluminismo de Montesquieu, o romance apresenta também essa universalidade como um processo novo e ambíguo de percepção do subjetivo.

Roxane não se projeta mais no Irã, mas também não consegue 'se fazer outra' pela aquisição do francês, de modo que o encontro com o que ela defende ser *universal* é também o que causa a ruptura em sua percepção de si. O resultado desse espaço de indefinição constrói uma literatura explicitamente aberta, na qual o *mundo* volta a se configurar como horizonte estético e literário, mas sem perder de vista a complexidade dada às identidades e ao subjetivo no século XXI.

Referências

ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico**: dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 2010. Tradução Paloma Vidal.

ALVARES, Cristina. **La réécriture des Lettres persanes de Montesquieu par Chahdortt Djavann et l'émergence d'un nouveau discours féministe**. In: Revue mondiale des francophonies, 2007, 1-15. Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/12136/1/djavann3%5B1%5D.pdf>

ARAÚJO, M.C; BRESOLIN, K. **Os narradores do mundo e a Weltliteratur: o caso de escritores refugiados da literatura contemporânea em língua alemã**. In: Contingentia, v 7, nº 1, 2019, 79-100. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/contingentia/article/view/96328>

DECLERCQ, Elien. **Écriture migrante , littérature (im)migrante , migration literature : réflexions sur un concept aux contours imprécis**. In: Revue de littérature comparée, 3(339), 2011, 301-310. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-de-litterature-comparee-2011-3-page-301.htm>

DEN TOONDER, Jeanette. **Writing in the Feminine: Identity, Language, and Intercultural Dialogue in Chahdortt Djavann's Comment peut-on être français?** (2006) . In : DiGeSt Journal of Diversity and Gender Studies, Vol. 5, No. 2, 1, 11.2018, p. 7-21. Disponível em : <https://pure.rug.nl/ws/portalfiles/portal/238478067/digest.5.2.1.pdf>

DJAVANN, Chahdortt. **Bas les voiles !** Paris : Éditions Gallimard, 2003.

_____. **Comment peut-on être français ?** Paris : Éditions Flammarion, 2006.

_____. **Et ces êtres sans pénis !** . Paris : Éditions Grasset et Fasquelle, 2021.

_____. **Je viens d'ailleurs** . Paris: Éditions Gallimard, 2002.

FAEDRICH, Anna. **Autoficção: um percurso teórico**. In: Criação e Crítica, nº17, p.30-46, 2016. Disponível em: <https://revistas.usp.br/criacaoocritica/article/view/120842>. Acesso em: 23 de maio de 2024.

FERREIRA, Ligia Fonseca. **Migrações literárias: estrangeiros que escrevem em francês. A obra de vassilis alexakis, um escritor em diálogo com suas línguas** In: Lettres Françaises, v. 2, n. 13, 2012, pp. 239-258. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/lettres/article/view/6092/4559>

GASPARINI, Philippe. **Est-il je ? Roman autobiographique et autofiction**. Paris : Seuil, 2004.

GENETTE, Gérard. **Figures III** . Paris : Editions du Seuil, 1972.

HALLING, Kirsten. **Entretien avec Chahdortt Djavann**. In: *Dalhousie French Studies*, v. 92, 2010, 139-144. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/41705542>. Acesso em: 19 de setembro de 2023.

KLINGER, Diana Irene. **Escritas de si, escritas do outro: autoficção e etnografia na narrativa latino-americana contemporânea**. Tese (Instituto de Letras) – UERJ, Rio de Janeiro, 2006.

LAPORTE, Arnaud. **Chahdortt Djavann : Les plus grands romans sont des romans politiques** 2021. Disponível em: <https://www.radiofrance.fr/franceculture/podcasts/affaires-culturelles/chahdortt-djavann-les-plus-grands-romans-sont-des-romans-politiques-3714715>. Acesso em 23 de janeiro de 2024.

LE BRIS, Michel & ROUAUD Jean (dir.). **Pour une littérature-monde**. Paris : Gallimard, 2007.

_____ *et al* **Pour une littérature-monde en français** in : *Le Monde des Livres*, 16 mars 2007. Disponível em : [Pour une "littérature-monde" en français \(lemonde.fr\)](http://lemonde.fr). Acesso em : 23 de maio de 2023.

LEJEUNE, Philippe. **Le pacte autobiographique**. Paris : Éditions du Seuil, 1996.

MONTESQUIEU, Charles-Louis. **Lettres persanes**, Paris : Flammarion, 1992 (1re éd. 1721).

MOYSÉS, Leyla Perrone. **Literatura engajada**. In: *Revista Criação & Crítica*, nº 35, 2023, 370-383. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1984-1124.i35p370-383>

PORRA, Véronique. **Pour une littérature-monde en français: les limites d'in discours utopique**. In: *Intercâmbio - Revista de Estudos Franceses da Universidade do Porto*, nº 1, 2008. Disponível em: <https://ojs.letras.up.pt/index.php/int/article/view/4191>

ROBINE, Jérémy. **La polémique sur le voile intégral et le débat sur l'identité nationale : une question géopolitique**. In : *Hérodote*, nº136, 2010, p. 42-55. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=3176962>

Data de submissão: 28/09/2024

Data de aceite: 25/11/2024